

Débora Ramos de Oliveira

LEITURAS DO FEMININO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Lorena

2015

Débora Ramos de Oliveira

LEITURAS DO FEMININO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

Relatório parcial elaborado para apresentação no programa de Bolsa de Iniciação Científica – BicSal – do Centro UNISAL de Lorena, sob orientação da Prof^a. Ms. Márcia Cristina G. O. Frassão.

Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Lorena

2015

Resumo

Com as conquistas exercidas principalmente pelos movimentos feministas, muitas práticas mudaram em relação aos direitos das mulheres. No entanto, ainda existem papéis de gêneros muitas vezes semelhantes à de séculos passados, que mesmo em nuances diferentes, delimitam as esferas da mulher entre o público e o privado.

Estudos evidenciam que a maior parte dos adultos que procuram por atendimento psicológico em clínicas-escolas de diversas regiões do Brasil é formada por mulheres. No entanto, ainda há pouco material pesquisado sobre as queixas apresentadas pelas mesmas considerando a categoria gênero, categoria de análise que considera as relações fundamentadas em sistemas hierárquicos que delimitam os papéis sociais na lógica binária, homem e mulher, firmando identidades e subjetividades.

A clínica-escola é um espaço para a realização da prática de estágios do curso de Psicologia, especificamente na área clínica, sem deixar de contemplar outras áreas, e que tem como alguns de seus objetivos servir como um espaço de ação comunitária visando à produção de conhecimentos relevantes para a Psicologia a partir de pesquisas e reflexão crítica e continuada sobre os serviços prestados.

Sendo a palavra uma possibilidade de acessar o desejo feminino, bem como o sintoma um pedido de intervenção a partir do sofrimento psíquico, é que o estudo das queixas das mulheres que procuram a clínica-escola possibilita uma compreensão e caracterização dessa forma de manifestação que podemos dizer singular, bem como coletiva e histórica.

1. Introdução

Existe uma estrutura que legitima a hierarquização de gênero baseada nas diferenças entre os sexos, e elas são encontradas na mitologia, na religião e na Ciência. A construção do feminino vem sendo desmistificada por estudos feministas desde a célebre frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, tornar-se mulher”. Segundo Sarti (2004) a diferença anatômica é a base para a construção dos papéis de gênero, sendo que esses são formulados a partir de contextos sociais e culturais específicos. Nesse sentido, as mulheres não se fecham como uma categoria universal, pois o feminino é inscrito e adquire um significado em cada cultura.

A crítica feminista surge a partir da desconstrução do feminino e do masculino como conceitos essencialistas devido à diferença biológica dos sexos. Sendo assim, gênero define-se como o produto resultante de construções culturais e sociais, ou seja, todo o sistema de signos e símbolos construídos a partir de uma relação de poder entre os sexos (BANDEIRA, 2008). “Gênero refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais, como socialmente construídas.” (OKIN, 2008, p. 306).

Gênero engloba os papéis socialmente construídos a um indivíduo social que normatiza sua posição dentro de uma cultura, sendo esse para além de sua escolha, e que tem como finalidade a definição do que é ‘ser homem’ ou ‘ser mulher’. “‘Ser homem’ e ‘ser mulher’ implica um conjunto distinto de normas definindo atividades apropriadas, que ancoram uma ampla gama de normas influenciadas pelo gênero” (WITT 2011 apud KUHLEN 2013).

Para uma análise mais profunda sobre gênero, é necessária uma crítica aos pensamentos que legitimam o status quo. A História, por exemplo, foi construída a partir de uma perspectiva Androcêntrica, que coloca o homem – um tipo de homem especialmente: o europeu, branco, heterossexual - como referência de tudo. Vasconcelos (2005) aponta que a ascensão do positivismo no século XIX é um período retratado como produtor de grandes conquistas para a humanidade, no entanto, a mulher não tinha representatividade, pois era excluída do espaço público. Esse espaço era destinado aos homens, enquanto para elas eram reservadas as lavanderias e os salões de chá. É a partir dessa concepção que se começa um entendimento sobre construção dos papéis de gênero e seus desdobramentos.

As separações entre o público e privado tem raízes na Grécia Antiga, com a diferenciação entre polis (vida política) e oikos (vida familiar), onde cada cidadão pertencia às duas esferas, sendo que cidadão era uma posição ocupada apenas por homens já que não existiam cidadãs (TIMM, 2014). A exclusão das mulheres da vida pública prosseguiu durante a História, sob a justificativa de desqualificações atribuídas a fisiologia e psicologia feminina, como incapacidade e obscurantismo, opondo-se às luzes e objetividade natas ao homem. (SCHIEBINGER 2001 apud BANDEIRA 2008).

Esse papel social reservado a mulher começou a reverter-se principalmente através da escrita, pois mesmo de dentro de seus lares, as fronteiras de espaços eram rompidas, com as palavras, imagens e a possibilidade de se inserir em espaços públicos através de um livro ou artigo de jornal. Perrot (1998) mostra claramente através de imagens e fatos o lugar reservado à mulher no século XIX e em outros séculos: “Para os homens, o público e o político, seu santuário. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa.” (p. 10).

Segundo Matos e Soihet (2003), o movimento feminista também foi responsável por muitas conquistas históricas das mulheres em relação aos espaços públicos que antes eram reservados apenas ao papel masculino, como os discursos médico, jurídico, político-filosófico, religioso e jornalístico. Contudo, analisando o corpo feminino como também um produto de historicidade, ainda hoje, há muitos aspectos a serem vencidos. As autoras afirmam que:

A partir desses diferentes aspectos lançados na obra acerca do corpo feminino como produto histórico, vê-se o quanto as questões que envolvem o ‘público’ e o ‘privado’ estão presentes. As explicações dadas para que se justifique essa divisão de papéis, em alguns casos, a apresentam como natural e universal. Aquilo que é tornado possível como experiência feminina deve conviver com a arbitrariedade do silêncio, em que determinadas práticas e saberes são absolutamente lançados para fora do espaço reservado às mulheres, enquanto outras são designadas aos homens. As mesmas relações de poder que imprimem essas marcações acerca dos papéis sexuais dirigem-se principalmente à manutenção da ordem e do funcionamento social. (p. 244).

Dentro de uma perspectiva clínica, vemos que muitas vezes, as manifestações do feminino mostram-se através de sintomas corporais. A histeria estudada por Freud, talvez seja o exemplo mais evidente de como a construção desse feminino se evidencia. Quinet (2004) define a concepção freudiana de histeria como: “uma defesa contra a recordação (idéia) de um evento traumático de natureza sexual ocorrido na infância” (p. 103), ou seja, o não-dito expresso através do corpo. Rubin (1975), sobre a importância da literatura clínica para a compreensão do sistema social de gênero, afirma que:

A psicanálise contém um único conjunto de conceitos para entender homens, mulheres e sexualidade. É uma teoria da sexualidade, na sociedade humana. Acima de tudo, a psicanálise oferece uma descrição dos mecanismos pelos quais os sexos são divididos e deformados, de como crianças bissexuais e andróginas, são transformadas em meninos e meninas. (p. 17).

Muitos estudos buscam uma caracterização do perfil de atendimento nas clínicas-escolas de diversas instituições superiores do país, como os realizados por Simões; Sampaio; Oliveira e Favoretto (2013); Campezzato e Nunes (2007); Cavalheiro; Garcia; Iwata; Junior; Rosa; Valente e Migliorini (2012); Justen; Paltanin; Maroneze; Vissovatz; Dal Prá; Feltrin; Silva; Mariussi; Pereira e Lima (2010); Louzada (2003); Romero e Capitão; (2003). De acordo com esses estudos, é possível perceber que a busca por atendimento em clínicas-escolas a partir do quesito gênero varia conforme a faixa etária, havendo um predomínio do feminino em relação às pessoas adultas. As maiores queixas relatadas na clínica do adulto são sintomas depressivos, conflitos relativos ao comportamento afetivo, queixa de dificuldade na relação familiar, ansiedade/insegurança.

Em defesa de uma clínica política, baseada na crítica feminista que “(...) o domínio do privado, na existência pessoal, é também político, que não há problema político que de alguma maneira não recaia sobre a dimensão do pessoal/privado.” (BANDEIRA, 2008, p. 224), a compreensão da mulher e seu sofrimento psíquico devem ser vistos de um modo onde construção de gênero seja contextualizada, assim como afirma Timm (2014):

A prática clínica psicológica que nasce sem elaboração crítica ao pensamento androcêntrico é, em geral, pautada na experiência subjetiva individual, privatizando a dor e o sofrimento das pessoas. A história dessa prática, que é hegemônica, atomiza, dissocia, fragmenta e patologiza a experiência subjetiva como se ela não estivesse relacionada ao contexto social, como se tudo se tratasse de questão de 'foro íntimo' (...) A perspectiva feminista é inserida neste debate para evidenciar o impacto da cultura patriarcal hegemônica na estruturação do pensamento, na produção de sintomas e na permanência das mulheres em situação de violência. Por fim, tratar o tema da violência contra mulheres, principalmente doméstica e conjugal, como um fenômeno social e cultural é dar historicidade ao que foi apagado pelos costumes, hábitos patriarcais e pela ciência androcêntrica." (p. 253).

2. Justificativa

Uma compreensão maior sobre a clientela feminina que utiliza o serviço é essencial para o aprimoramento deste. A cliente que busca atendimento em uma clínica-escola deve ser tratada devidamente de acordo com sua demanda. Logo, a caracterização da clientela presente, possibilita um mapeamento sobre as queixas apresentadas e com isso, uma maior efetivação na preparação dos estagiários e encaminhamentos realizados.

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

- Caracterizar a clientela de uma clínica-escola de uma instituição de ensino superior a partir da identificação do perfil da mulher, considerando a queixa inicial que motivou a busca por atendimento, numa perspectiva de análise de gênero.

3.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil da mulher que busca atendimento psicológico em uma clínica-escola de uma instituição de ensino superior;

- Identificar questões de gênero que permeiam os discursos femininos considerando o sofrimento psíquico como motivador na busca de serviços de atendimento psicológico;
- Possibilitar discussão de gênero nas práticas clínicas na formação do profissional psicólogo.

4. Método

Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, que Segundo Gil (2002), são pesquisas com finalidade de proporcionar uma outra visão sobre o problema e que, na maioria das vezes são dotadas de uma preocupação social do pesquisador frente a uma realidade prática. Seu delineamento é documental com análise discursiva pela ótica foucaultiana, que de acordo Lñiguez (2004), parte do principio que a linguagem não só realiza um intermédio das relações sociais, e sim, exerce um controle sobre elas, sendo ela constitutiva e constituinte, ou seja, a linguagem atua indicando uma realidade social, mas também a transformando. Foucault (1994, p. 465 apud Castro, 2009, p. 120) afirma que todo discurso é composto por relações de poder, sendo que esse poder não atua nem como fonte, nem como origem, mas sim, como algo que funciona através dele. A finalidade de um discurso, portanto, não é descobrir uma verdade sobre o sujeito, mas definir o sujeito como uma verdade. Foucault (1984, p. 141 apud Castro, 2009, p. 120) define então discurso como o “conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico”. A partir do enunciado, que é um ato regrado e com objetivo de revelar uma verdade, o discurso refere-se ao “conjunto de enunciados que obedecem regras comuns de funcionamento” (GONÇALVES, 2009), ou seja, um conjunto de enunciados que se sustentam na mesma formação discursiva. Sendo o discurso uma prática social, é correto afirmar que ele é constituído não apenas de elementos linguísticos, mas também da própria condição do contexto histórico e das regras sociais onde é produzido, ou seja, não existe nenhum discurso independente dos demais. Gonçalves (2004) afirma que toda prática discursiva sustenta-se sobre uma permissão histórica ou institucional, ou seja, os discursos não existem por si mesmos, pois atuam de forma intertextual, e estão sempre a revelar condições históricas, sociais e institucionais de sua produção. Se tratando de discursos produzidos dentro de instituições, é importante ressaltar que o foco da Análise do

Discurso não é na individualidade de quem o produz, e sim, na estrutura institucional em questão. Segundo Araújo (2006, apud Gonçalves, p. 14, 2009), para Foucault “o sujeito do discurso não é a pessoa que realiza um ato de fala [...], o sujeito é aquele que pode usar determinado ato enunciativo por seu treinamento, pelo seu posto institucional ou competência técnica”. Diante disso, para Foucault apud (Gonçalves, p. 15, 2004) o pesquisador não deve investigar uma suposta verdade por de trás dos documentos e sim, descrever as condições de produção discursivas de determinada época histórica.

4.1. Objeto de Análise

Fichas de triagens produzidas no ano de 2014 pela clínica-escola do UNISAL, campus São Joaquim.

4.2. Procedimentos Metodológicos

Após a autorização da clínica-escola para o presente estudo, deu-se início no SPA a leitura das fichas de triagens realizadas no ano de 2014, sendo primeiramente realizada uma transcrição da população geral, para em seguida, uma transcrição da amostra através das categorias *Identificação* e *Queixa* que motivou a busca de mulheres por atendimento no serviço de psicologia.

4.3. Tratamento de dados

Foi possível estabelecer no presente **relatório parcial** dos resultados a tabulação dos dados obtidos que será analisada sob a ótica de análise do discurso foucaultiana, Pretende-se ainda realizar a análise dos dados referidos completando-os com gráficos (figuras) para melhor visualização; efetuar a discussão de acordo com os estudos e pontuações dos autores identificados na revisão de literatura, propondo-se o paralelo em relação aos dados encontrados no presente estudo.

5. Plano de Trabalho (Revisão das etapas)

a) Levantamento teórico coerente ao tema do projeto; b) envio do projeto ao Programa BIC-Sal; c) solicitação da autorização junto à clínica-escola da Instituição de ensino superior; d) andamento da coleta de dados, após autorização da Instituição de ensino superior; e) tabulação e tratamento dos dados; f) elaboração de

relatório; g) apresentação em mostra científica ou eventos similares; h) publicação sob forma de artigo.

6. Resultados Parciais

A partir disso, algumas informações foram acessadas, sendo possível realizar um mapeamento sobre a população que busca atendimento no serviço de psicologia do UNISAL.

6.1. População

No ano de 2014 foram triadas 216 pessoas, sendo 120 pertencentes ao gênero feminino e 96 ao masculino. A população masculina é composta por 34 adultos e 62 crianças e adolescentes, mostrando a prevalência da clínica infantil, que em grande parte é acessada por mães ou mulheres que exercem a função materna, apontando assim para um feminino também presente, mas que não será alvo de análise desse trabalho por impossibilidade de acesso a dados mais concretos. A população feminina é composta 43 crianças e adolescentes, das quais problematizamos a mesma lógica da clínica infantil masculina, e por 77 mulheres adultas, sendo duas com idade não-informada.

6.2. Amostra

A partir da tabulação realizada, será desenvolvida uma categorização sobre quais queixas motivam mulheres a procurarem atendimento no SPA do UNISAL – campus São Joaquim, assim como, a análise de quais discursos sustentam essa queixa.

7. Referências

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. Em: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 207-230, janeiro-abril/2008.

CAMPEZATTO, Paula von Mengden e NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de Psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2007, vol.20, n.3, pp. 376-388. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a05v20n3.pdf>>. Acesso em 14. Jul. 2014.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução: Ingrid Müller Xavier; revisão técnica: Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAVALHEIRO, N.C.; GARCIA, B.G.; IWATA, H.; PACE JÚNIOR, J.; ROSAS, H.R.; VALENTE, M.L.L.C.; MIGLIORINI, W. J. M. *Triagem interventiva: a caracterização de uma demanda*. Rev. SBPH vol.15 no.2, Rio de Janeiro – Jul./Dez. – 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. _____. *Como elaborar projetos de pesquisa*, 4 (2002): 41-56.

GONÇALVES, S. C. *O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault*. História e-História. Campinas/SP: NEE-UNICAMP, v. 1,4 de fevereiro, p. 1-21, 2009. Acesso: 27 maio 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/461854/O_m%C3%A9todo_arqueol%C3%B3gico_de_an%C3%A1lise_discursiva_o_percurso_metodol%C3%B3gico_de_Michel_Foucault>

JUSTEN, A. et al. Identificação da população atendida no Centro de Psicologia aplicada da Universidade Paranaense. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 14, n. 3, p. 197-209, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/saude/article/viewFile/3661/2374>>. Acesso em: 13 jul.2014.

KUHNEN, Tânia A. É possível dizer algo novo sobre essencialismo de gênero? Em: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 395-412, janeiro-abril/2013

IÑIGUEZ, L. Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais. In: _____. *Os fundamentos da Análise do Discurso*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, cap. 2, p. 50 – 105.

IÑIGUEZ, L. Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais. In: _____. *Prática da Análise do Discurso*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, cap. 3, p. 105 - 161.

LOUZADA, Rita de Cássia Ramos. Caracterização da clientela atendida no Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo. *Estudos de Psicologia*, 2003, 8(3), 451-457. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19967.pdf>>. Acesso em 14 jul.2014.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003. 222 p. Em: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. Em: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto/2008.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Editora Unesp. 2008.

QUINET, Antonio. *A lição de Charcot*. Jorge Zahar Editor Ltda. 2005. Rio de Janeiro.

ROMARO, Rita Aparecida; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade São Francisco. *Psicologia: Teoria e Prática* – 2003, 5(1):111-121.

RUBIN, Gayle. *A circulação de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. 1975

SARTI, Andersen Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisando uma trajetória. Em: *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 12, n. 2, maio-agosto, 2004.

SIMÕES, Andréa et al. *Clínica-escola de psicologia: caracterização do perfil da clientela atendida*. Mato Grosso do Sul, 2013. Disponível em: <<http://aems.edu.br/iniciacao-cientifica/download/3ac28c7130.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

TIMM, Flávia Bascuñán. Psicologia, Violência contra Mulheres e Feminismo: em defesa de uma clínica política. Em: *Psicologia Política*. Vol. 11. Nº 22. Pp. 247-259. Jul. – Dez. 2011. Disponível em: <www.mpdft.mp.br/comunicacao/site/arquivos/flavia_timm.pdf> Acesso em: 21 Jul. 2014.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica. Em: *Revista Ártemis*, n. 3, dezembro, 2005.